

AS CONSEQUÊNCIAS DA GUERRA GAZA-ISRAEL CHEGAM À EUROPA

Por Faisal Al Yafai*



Protestos em Londres em solidariedade à Faixa de Gaza (Henry Nicholls/AFP).

Com uma guerra global em andamento, e chegando a um impasse, mais um conflito global eclode no Oriente Médio.

Vista da Europa, a guerra Israel-Hamas é um completo campo minado. Expôs vastas divisões: entre os países europeus, entre os líderes políticos e seus públicos e, acima de tudo, entre o Ocidente e o Sul Global, onde o Ocidente procurou apoio durante a guerra na Ucrânia. Uma longa guerra em Gaza ameaça agravar estas divisões, talvez até ao ponto em que o apoio ocidental à Ucrânia seja afetado.

Essas divisões ficaram evidentes esta semana, quando os ministros das Relações Exteriores da União Europeia (UE) se reuniram para tentar chegar a um acordo sobre a guerra em Gaza. A UE tem estado em convulsão interna desde o início do conflito.

Quase imediatamente, a chefe da Comissão da UE, [Ursula von der Leyen, viajou para Israel](#) sem consultar o Conselho Europeu, que representa todos os governos nacionais. Uma dupla europeia diferente [foi então ao Egito](#) para representar a UE naquele país, antes de Von der Leyen e o presidente do Conselho Europeu, Charles Michel, [aparecerem juntos em Washington](#). Em três continentes, em questão de dias, não houve consenso sobre quem representava a União Europeia, muito menos sobre o que dizia.

Na quinta-feira, líderes do bloco apelaram a “[corredores e pausas humanitárias](#)” para permitir que a ajuda chegue a Gaza, mas apenas depois de dias de disputas sobre a forma das palavras. Eles pararam antes de chamar isso de “cessar-fogo humanitário”, que havia sido sugerido.

Essas divisões se estendem ao público. Parece haver um abismo entre aqueles que estão no poder e aqueles que votam neles. A Europa assistiu a manifestações públicas em massa contra a guerra em Gaza, a maior onda de protestos antigovernamentais desde a Guerra do Iraque.

Em Londres, Paris, Berlim, Madri, Atenas e muitas outras cidades, dezenas de milhares de pessoas saíram às ruas em diversas ocasiões, criticando o apoio dos seus governos à guerra.

Particularmente na França e na Alemanha, as autoridades parecem surpresas com a escala dos protestos e inseguras sobre como responder. O ministro do Interior francês tomou uma decisão surpreendente de proibir os protestos pró-Palestina em todo o país, apenas para que fosse [anulada](#) pelo mais alto tribunal administrativo. Esta semana, ocorreram protestos em cidades em toda a França. A Alemanha também tentou utilizar meios legais para reprimir as manifestações, negando pedidos de protestos.

Tais protestos tiveram impacto político, com os líderes melhorando a linguagem que utilizam durante o conflito, especialmente em relação aos palestinos. Mas à medida que a guerra se arrasta – a esperada invasão terrestre ainda nem sequer começou – esse equilíbrio se tornará mais difícil de manter.

Uma divisão ainda maior surge com o Sul Global.

Desde o início da invasão da Ucrânia pela Rússia no ano passado, o Ocidente tem tentado angariar apoio entre os países não ocidentais, enquadrando a invasão como mais do que uma guerra europeia. O conflito na Ucrânia, argumentaram, tinha a ver com o direito internacional e, portanto, os países distantes do conflito – em Pequim, em Abuja, no Cairo – deveriam ficar do lado da Ucrânia porque se tratava de defender o Estado de direito.

Depois veio a resposta de Israel ao ataque do Hamas. Em poucos dias, o gabinete dos direitos humanos das Nações Unidas alertava que o cerco a Gaza e a exigência de que um milhão de habitantes de Gaza no norte fugissem das suas casas poderiam [violar o direito internacional](#). Mais avisos desse tipo se seguiram.

Foi notada a desconexão entre a razão pela qual o Sul Global estava sendo solicitado a resistir à dor extrema causada pelo conflito na Ucrânia e a extensão do apoio público que os líderes europeus e americanos estavam dispostos a oferecer a Israel, independentemente da sua política militar.

Na semana passada, a Rússia apresentou ao Conselho de Segurança da ONU uma resolução que apelava a uma pausa nos combates, bem como condenava o ataque do Hamas. Apesar dos principais países do Sul Global – China, Brasil – apoiarem a resolução, e até mesmo a França, os [Estados Unidos a vetaram](#).

O perigo para os países ocidentais é que esta forma de agir esteja completamente em linha com o que a Rússia e a China têm defendido: que a ordem global favorece apenas um punhado de países, e o Sul Global não está nesse clube. O rei Abdullah da Jordânia disse isso de forma mais incisiva: “[O direito internacional perde todo o valor se for implementado seletivamente.](#)”

Na verdade, a aspirante a líder do Sul Global, a China, teve oportunidade de demonstrar isso na semana passada, quando uma cúpula que marcou os 10 anos da Iniciativa Cinturão e Rota foi [realizada em Pequim](#). No contexto da diplomacia frenética dos EUA no Oriente Médio, Xi Jinping presidiu uma conferência com 130 países representados, incluindo alguns dos maiores do Sul Global, a Indonésia, a Etiópia – e, no centro dela, a Rússia.

Esse aspecto moral não é o único problema. Também existe interesse próprio. Outro inverno aproxima-se em toda a Europa e já há sinais de que as tentativas europeias para restringir as vendas de gás russo estão enfraquecendo. Uma semana depois de o primeiro-ministro da Hungria se ter reunido com Vladimir Putin em Pequim, foi anunciado que o país [compraria mais gás](#) durante o inverno. Se o Ocidente não consegue sequer manter unidos os países dentro da UE, qual a probabilidade de manterem uma coligação mais ampla, à medida que a guerra na Ucrânia caminha para um segundo inverno e, eventualmente, um terceiro ano?

Tomadas em conjunto, as diferenças entre líderes e públicos, dentro dos blocos ocidentais e em todo o Sul Global, representam um enorme desafio para o Ocidente, à medida que procura manter ambas as guerras em destaque. À medida em que a guerra em Gaza aumenta e as linhas da frente na Ucrânia congelam, isso será mais difícil e a instável coligação dos últimos 19 meses poderá desmoronar silenciosamente.

Publicado no [Syndication Bureau](#).

**Faisal Al Yafai é comentarista em redes de TV internacionais como CNN, BBC e France 24. Foi jornalista investigativo do The Guardian, jornalista documental da BBC e redator em diversos meios de comunicação. Al Yafai fez reportagens em todo o Oriente Médio e Europa Oriental, Ásia e África. Atualmente está escrevendo um livro sobre o Oriente Médio.*
